

PEGADAS NO RIO, SOMBRAS NO TEMPO

Biografias, histórias de vida e
trajetórias africanas

Matheus Serva Pereira
Silvio de Almeida Carvalho Filho
Washington Nascimento
(orgs.)



PEGADAS NO RIO, SOMBRAS NO TEMPO
Biografias, histórias de vida e trajetórias africanas
Copyright © 2024 by autores
Direitos desta edição reservados para Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Coordenação editorial: **Janaína Marcoantonio**
Preparação: **Mariana Marcoantonio**
Revisão: **César Carvalho**
Capa: **Delfin [Studio DelRey]**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Natalia Aranda**

Selo Negro Edições
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 — 7ª andar
05006-000 — São Paulo — SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.selonegro.com.br>
e-mail: selonegro@selonegro.com.br

Atendimento ao consumidor:
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado:
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

— O barco está lá, na curva do rio. Lá dentro está o remo.

— E, depois, onde guardo a canoa?

— Não se preocupe, ela vem sozinha de volta.

Mwadia sorriu, sem esconder alguma desconfiança. O curandeiro enrugou a voz, realçando em tom de desagrado.

— Você está a duvidar, comadre?

— Deixe, Lázaro, não me dê importância.

— Há muito que quero dizer isto, Mwadia Malunga: você ficou muito tempo lá no seminário, perdeu o espírito das nossas coisas, nem parece uma africana.

— Há muitas maneiras de ser africana.

— É preciso não esquecer quem somos...

— E quem somos, compadre Lázaro? Quem somos?

Mia Couto, *O outro pé da sereia*.

SUMÁRIO

Prefácio	9
<i>Teresa Cruz e Silva</i>	
Apresentação	11
<i>Matheus Serva Pereira, Silvio de Almeida Carvalho Filho e Washington Nascimento</i>	
1. Biografias, histórias de vida e trajetórias africanas: aproximações a um debate teórico-metodológico	15
<i>Matheus Serva Pereira e Washington Nascimento</i>	
2. A candace Amanishakheto e a força do feminino: uma análise a partir da cultura material de Cuxe (África, I AEC-I EC)	27
<i>Fernanda Chamarelli de Oliveira</i>	
3. António de Oliveira de Cadornega e o contexto de escrita da obra <i>História geral das guerras angolanas</i>	47
<i>Priscila Weber</i>	
4. Kafuxi Ambari: a trajetória de um título político	65
<i>Crislayne Alfagali</i>	
5. Luhuna, o “cirurgião das chuvas”: poder, agências e guerras de um nkhumbi (sudoeste africano, XIX-XX)	91
<i>Washington Nascimento</i>	

6. Tomé Agostinho das Neves: a ingloria denúncia do racismo e do colonialismo em São Tomé e Príncipe	117
<i>Augusto Nascimento</i>	
7. Carlos Estermann: cientista, missionário e pesquisador das culturas do sudoeste angolano (1925-1976)	147
<i>Inês Almeida Silva Oliveira</i>	
8. Aline Sitoé Diatta e a resistência diola em Casamance	161
<i>Mariana Bracks Fonseca</i>	
9. Joseph Ki-Zerbo e suas dimensões políticas e educacionais	181
<i>Mariana Gino</i>	
10. Uanhenga Xitu: o percurso do enfermeiro em direção ao nacionalista	201
<i>Nathalia Rocha Siqueira</i>	
11. Pepetela: nas trincheiras da memória (1962-1975)	221
<i>Carolina Bezerra Machado</i>	
12. Paulo Freire em Angola: esperança e melancolia na reconstrução nacional angolana (1961-1991)	239
<i>Priscila Henriques Lima</i>	
13. O bispo Jaime Gonçalves: perspectivas que desafiam as narrativas oficiais em Moçambique	259
<i>Silas Fiorotti</i>	

PREFÁCIO

Esta belíssima coletânea de textos, reunidos por Matheus Serva Pereira, Silvio de Almeida Carvalho Filho e Washington Nascimento, convida-nos a viajar por algumas regiões do continente africano, passando pelas margens do Mar Vermelho, fixando-se mais no Atlântico e a Ocidente e descendo para o Índico.

Como o título da obra já indica, os coautores, a partir de biografias, histórias e trajetórias de vida, trazem uma valiosa contribuição ao debate sobre questões metodológicas referentes ao uso e à validação de fontes históricas, através de diversos recursos documentais. Ao mesmo tempo que “dão voz” e visibilidade a protagonistas da história da África, relembram-nos constantemente que os percursos desses atores não podem ser descontextualizados das temporalidades em que viveram. Retomam, assim, Amílcar Cabral ou Eduardo Mondlane, dois líderes históricos dos movimentos de libertação na África, e suas preocupações sobre a necessidade permanente de partirmos das nossas realidades quando analisamos o nosso continente, levando-nos ainda a reviver as teses de Mahmood Mamdani, ou as de Paulin Hountondji, sobre a vigilância a se manter na produção científica para não incorreremos no risco de nos fixarmos num conhecimento por analogia, permanecendo refêns de quadros teóricos produzidos fora dessas mesmas realidades. Assim, os capítulos que compõem este livro abrem vários espaços para muitos outros debates ontológicos e epistêmicos que norteiam as ciências sociais e as humanidades em nossos dias.

Produzido no âmbito do grupo de pesquisa Áfricas: Sociedade, Política e Cultura (Uerj-CNPq), esta coletânea, ao cruzar diferentes geografias e temporalidades, apresenta uma riqueza de abordagens, que nos ajudam a (re)ler temas como resistência, emancipação, cultura, construção de heróis, racismo e nacionalismo, entre muitos outros, constantemente problematizados pelos seus autores. São leituras que nos trazem igualmente discussões sobre alguns conceitos e sua operacionalização, introduzindo autores contemporâneos, para realçar o papel dos sujeitos africanos na história da África.

Um destaque particular pode ser dado às análises que nos trazem percursos de mulheres e relações de poder, com ênfase nas relações entre poder e gênero. Ao problematizar esses conceitos e apoiar-se na abordagem de renomadas feministas, como Ifi Amadiume ou Oyèrónké Oyěwùmí, entre outras autoras invocadas, essas análises buscam, mais uma vez, uma leitura a partir do continente.

Em suma, este é um livro convidativo e reflexivo sobre as diversas formas de ler o continente africano, trazendo-nos importantes contribuições entre um passado mais remoto e um mais contemporâneo, para enriquecer a história do que hoje são o Sudão, Mali, Senegal, Angola, São Tomé e Príncipe, e, mais ao sul, Moçambique.

Estou certa de que as questões levantadas pelos diferentes autores representam um estímulo para um questionamento permanente às fontes e sua problematização, e para novas discussões de caráter epistemológico na busca de novos debates teóricos.

Maputo, 2 de julho de 2024

TERESA CRUZ E SILVA (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique)

APRESENTAÇÃO

MATHEUS SERVA PEREIRA

SILVIO DE ALMEIDA CARVALHO FILHO

WASHINGTON NASCIMENTO

Este livro é resultado dos trabalhos realizados pelo grupo de pesquisa Áfricas: Sociedade, Política e Cultura (Uerj-CNPq). Foi construído a muitas mãos desde o ano 2021. O desejo era dar mais um passo na trajetória do grupo, criado em 2015, evidenciando as produções dos membros e cristalizando o seu amadurecimento.

Uma das características do grupo é a pluralidade das pesquisas realizadas pelos seus integrantes. Por conta disso, nossa primeira reflexão foi sobre o que tínhamos em comum, que temas, que eixos. Afinal, o que nos une? No debate interno, percebemos que os estudos ligados a biografias, histórias de vida e trajetórias no continente africano eram um caminho partilhado por muitos de nossos pesquisadores e pesquisadoras. Com isso, começamos o trabalho de mapear as pesquisas (dissertações e teses), bem como acionar uma ampla rede de pesquisadores e pesquisadoras experientes que vinham colaborando com as atividades realizadas pelo grupo. Foi nesse esforço coletivo que nasceu a coletânea *Pegadas no rio, sombras no tempo — Biografias, histórias de vida e trajetórias africanas*, organizada por Matheus Serva Pereira, Silvio de Almeida Carvalho Filho e Washington Nascimento.

O livro é composto de 13 capítulos, que, cronologicamente, vão desde o século I Antes da Era Comum (AEC), na região do Sudão antigo, até o século XXI, no Moçambique independente. A amplitude temporal e espacial tem como objetivo apresentar a elasticidade do recurso teórico-metodológico que permeia todos os textos, os muitos arquivos que nos permitem investigar o passado africano e abarcar uma variedade de contextos africanos.

No primeiro capítulo, Matheus Serva Pereira e Washington Nascimento apresentam, justamente, uma aproximação aos muitos debates que atravessam a escrita da história por meio das biografias, histórias de vida e trajetórias, bem como sua aplicabilidade no campo da história da África. O capítulo subsequente, que explora as muitas possibilidades e os desafios teórico-metodológicos do tipo de abordagem que propomos ao longo do livro, é o de Fernanda Chamarelli de Oliveira. A autora aborda a

questão das mulheres que assumiram importantes papéis nas esferas social e política de Cuxe, região da Núbia (atual Sudão), entre os séculos I AEC e I EC.

O terceiro capítulo, de Priscila Weber, analisa a história dos manuscritos de Oliveira de Cadornega, produzidos, originalmente, no século XVII. Ao acompanhar o contexto em que o livro foi produzido, a autora se debruça sobre as muitas Angolas existentes naquele período e o modo como a história da região se conecta com outras partes do mundo. O capítulo seguinte, de Crislayne Alfagali, ao propor de maneira inovadora a biografia de um título de poder, consegue nos apresentar um texto instigante que, de forma vasta e detalhada, cruza bibliografia e fontes. Com isso, a autora apresenta a complexidade das relações de poder entre as autoridades africanas da região de Kisama, atual Angola, e da diplomacia que estabeleceram com os europeus, especialmente no século XVIII.

O quinto capítulo, de Washington Nascimento, analisa a complexidade das agências africanas no contexto oitocentista de expansão colonial europeia na África a partir da trajetória do “guerrilheiro” e “cirurgião das chuvas” Luhuna. Importante liderança dos nkhumbi nas duas últimas décadas do século XIX, o líder político e militar liderou uma resistência armada contra a ação colonial portuguesa no sudoeste angolano. O capítulo 6, de Augusto Nascimento, dedica sua análise à vida e à obra de Tomé Agostinho das Neves, prolixo escritor são-tomense, que viveu entre finais do século XIX e início do XX, tendo sido, muito por conta de suas opiniões sobre o colonialismo, esquecido do panteão de intelectuais de São Tomé e Príncipe estabelecido no período pós-colonial.

Retornando para o território atual de Angola, temos o capítulo de Inês Almeida Silva Oliveira, que alarga a ideia de “sujeitos africanos” ao refletir sobre como a trajetória de Carlos Estermann, missionário etnólogo francês, está imbricada à história do sudoeste angolano. O capítulo 8, de Mariana Bracks Fonseca, nos leva para onde hoje é o atual Senegal. A autora aborda a história da dominação e exploração colonial francesa no território, ao longo dos séculos XIX e XX, por meio de uma análise detalhada da vida e das resistências ao colonialismo por parte de Aline Sitoé Diatta e sua família.

No nono capítulo, Mariana Gino nos traz uma abordagem singular da vida e obra de Joseph Ki-Zerbo. Nascido no Alto Volta, quando o país ainda era colonizado pela França, vivenciou intensamente os processos de descolonização e as vicissitudes na construção das nações africanas. Intelectual, professor, historiador, político, Ki-Zerbo foi um sujeito rotulado de muitas maneiras ao longo de sua complexa trajetória. A autora nos mostra como todas essas formas distintas para nomear a atuação de Ki-Zerbo devem levar em consideração a relação que ele estabeleceu ao longo da vida com a religião católica, sua militância anticolonial e a sala de aula.

Os capítulos seguintes, respectivamente de autoria de Nathalia Rocha Siqueira e Carolina Bezerra Machado, abordam dois importantes literatos angolanos: Uanhenga Xitu e Pepetela. De maneira minuciosa, lançando-se sobre um manancial de fontes — arquivísticas e literárias —, ambas intercalam a produção literária dos escritores com suas trajetórias de vida e experiências, que foram fundamentais para a história do colonialismo e do pós-colonialismo de Angola.

No capítulo 12, Priscila Henriques Lima conecta dois lados do oceano Atlântico, mais especificamente o Brasil e Angola, apresentando-nos como o pensamento do intelectual brasileiro Paulo Freire foi impactado por sua experiência na África e, ao mesmo tempo, como sua proposta de educação se fez presente nos anos iniciais da independência angolana. Por último, o capítulo de Silas Fiorotti, dedicado ao bispo Jaime Gonçalves, avança em uma problematização das narrativas oficiais sobre a história moçambicana, apresentando-nos as muitas disputas pelos significados do passado recente do país.

O mapa dos capítulos auxilia o(a) leitor(a) a se guiar na diversidade, podendo escolher livremente a paragem em que deseja estar por mais tempo. Afinal, há muitas maneiras de se ler um livro, assim como há muitas maneiras de ser africano(a).

1 BIOGRAFIAS, HISTÓRIAS DE VIDA E TRAJETÓRIAS AFRICANAS: APROXIMAÇÕES A UM DEBATE TEÓRICO-METODOLÓGICO

MATHEUS SERVA PEREIRA
WASHINGTON NASCIMENTO

Na década de 1960, ao longo das muitas reuniões realizadas em vários países, como Gana e Costa do Marfim, para se pensar as balizas da construção de uma história africana, foram acordados os eixos principais que poderiam ser vistos com maior ou menor intensidade nos livros da coleção História Geral da África, coordenada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), dedicada à escrita do passado africano a partir do próprio continente. O regionalismo, por exemplo, tinha como objetivo estabelecer o foco nos processos de longa duração, em que os fatores de adequação ecossistêmica dos povos sobre o seu meio circundante se tornam os elementos dominantes na explicação histórica. Outro desses eixos foi o difusionismo interafricano, que consiste em uma abordagem que diz respeito ao fato de que as dinâmicas fundamentais da história da África estão diretamente relacionadas a fenômenos internos próprios. Com destaque, foi estabelecida uma defesa do que veio a ser designado como “sujeito africano”. A ideia era contrapor-se a uma escrita do passado africano que tinha a ação de sujeitos externos, sobretudo brancos europeus, como centro ao narrar a história do continente. Nesse sentido, o centro da nova narrativa do mundo que emergia fruto dos movimentos de libertação e que planejava novas sociedades pós-descolonizações deveria ser construído a partir de uma análise da história da África que privilegia as ações, sobretudo políticas, de africanos e africanas.¹

Esse não é, necessariamente, um fenômeno recente. Desde, pelo menos, finais do século XVIII e meados do século XIX, tanto africanos escravizados que conseguiram conquistar sua liberdade como homens negros nascidos nas Américas que lidaram dia a dia com a luta contra a escravidão e o racismo publicaram autobiografias para transmitir as experiências traumáticas pelas quais passaram, utilizando a escrita de si como ferramenta política de transformação.² Em uma perspectiva acadêmica, especialmente em vertentes historiográficas que se apresentam tendo como uma de suas principais premissas a luta contra as muitas formas de racismo, como é o caso dos estudos da